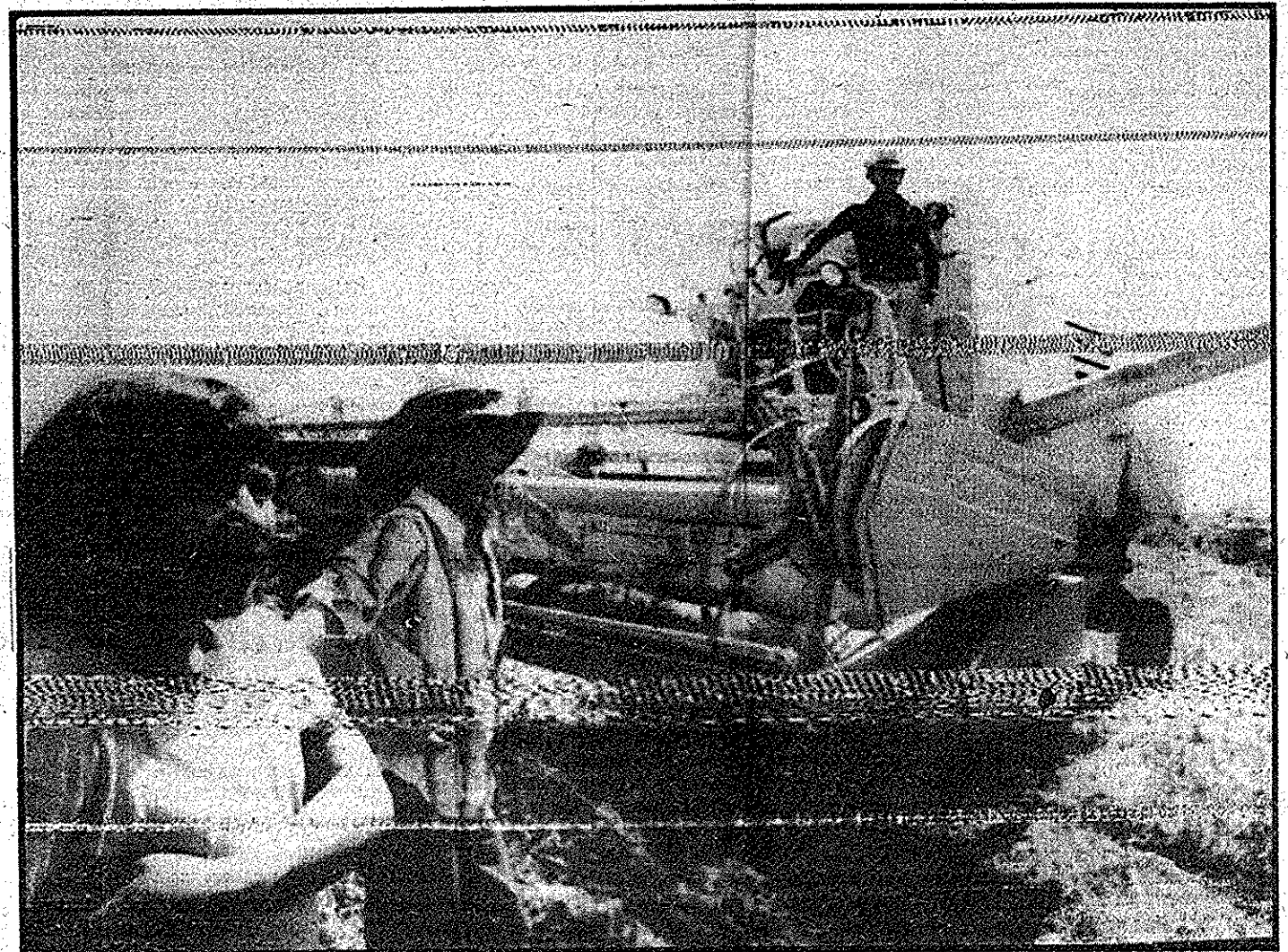


Situação continua tensa na reserva indígena de Guarita

A colheita de soja e milho recomeçou, mas há temor entre os colonos de que o trabalho venha a ser perturbado pelas exigências de autoridades da Funai. O cel. Gonçalves tornou rígida a fiscalização sobre a retirada de madeira

Ontem pela manhã, as máquinas automotrizes e tratores — dos colonos — reiniciaram a colheita de soja e milho da reserva de Guarita, nos municípios de Tenente Portela, Miraguai e Redentora. A reserva foi interditada na sexta-feira da semana passada, quando a Polícia Federal, a pedido da Funai, prendeu o maquinário dos colonos que estavam fazendo colheitas dentro da reserva. Os índios arrendaram terras da reserva aos colonos e quando estava sendo iniciada a colheita surgiram ameaças. Ontem, depois da interferência do Governo do Estado, o coronel Anaél Lemos Gonçalves, assessor da presidência da Funai em Brasília, se reuniu com colonos e autoridades municipais e liberou a colheita da safra mas chamou os fiscais do IBDF para controlar a retirada de madeira. Justamente agora, num momento, em que o clima está tenso na reserva indígena de Guarita. Os incidentes na reserva iniciaram quando o coronel Gonçalves resolveu atuar num negócio feito diretamente entre índios e brancos. Os índios, sem condições de plantar, começaram, há três anos, a arrendar parte da reserva. Uns, por Cr\$ 4 mil o hectare, outros, por 30% da colheita. Isso ficou acertado há muito tempo e, na hora de colher, apareceu a Funai com a seguinte proposta: 40% para os colonos, 30% para os índios e 30% para a Funai. É esta a proposta que os colonos e índios dizem ter recebido e foi também a causa dos incidentes: todos se colocaram contra esta atuação da Funai e houve o conflito. A Polícia Federal apreendeu diversas máquinas automotrizes e tratores, interditou a reserva, tiros e agressões foram dados.

LUIZ ALBERTO SCOTTO (texto) e ARIVALDO CHAVES (fotos), enviados especiais



Os índios assistiram ontem os colonos recomeçarem o trabalho de colheita das safras de soja e milho, suspensa anteriormente por ordem de autoridade da Funai

Depois da interferência do governador Amaral de Souza a situação continuou na mesma. Somente anteontem à noite, depois de muitas discussões, o coronel Gonçalves resolveu ceder desistindo de 30% do plantio para a Funai: "o coronel da Funai negou tudo o que o Governador tinha prometido. Disse que eles faziam parte de um Órgão Federal e que não tinham que respeitar coisa nenhuma". Isso quem diz é o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miraguai, Alvo João Rebelatto, um dos mais revoltados com a Funai. Anteontem pela manhã, com a chegada do chefe da Casa Militar, coronel Luís Diógenes Chaves Couto, surgiu um pouco de otimismo e a perspectiva de solução. Os dois coronéis tiveram uma reunião fechada e após anunciaram que "dentro de 24 horas tudo ficará decidido". Na metade da tarde, o coronel da Funai se reuniu com os colonos: "O coronel Diógenes não quis falar do que havia decidido para não deixar o homem sem voz. Então ele foi para a reunião e começou a baixar a taxa que a Funai estava exigindo. Primeiro o coronel Gonçalves queria 30% para a Funai, na reunião ele entrou falando em 10%, depois 5% e acabou desistindo de tudo". O presidente do Sindicato Rural, Alvo Rebelatto, conta também que uma ameaça o representante da Funai fez antes de sair: no próximo ano, nenhum branco vai plantar na reserva. Na opinião de colonos e índios, o coronel Anaes Lemos Gonçalves veio de Brasília só para tirar um pouco da produção para a Funai. "O homem veio só para



Severino Detoni, delegado da Funai, não interferiu porque "há uma autoridade superior" na reserva de Guarita

complicar. O que é que eles querem?" Até agora ninguém sabe o que a Funai quer. O chefe do posto da Funai da reserva indígena de Guarita, Rui Cotrim, diz que não pode afirmar nada, mas garante "que a situação está preta". O delegado regional da Funai do Rio Grande do Sul, Severino Detoni, foi sábado para a reserva de Guarita e também diz que não pode declarar nada porque "uma autoridade superior está aí". O coronel Gonçalves, que é autoridade superior, diz que entrevista com ele só em Brasília. Assim, até agora ninguém sabe o que a Funai queria quando resolveu pedir 30% das safras dos agricultores. Na quarta-feira à noite, quando a situação ficava esclarecida sobre a colheita da safra, surgiu um outro problema na reserva: o coronel Gonçalves mandou chamar os fiscais do IBDF para controlar a retirada de madeira dos índios. No clima que atingiu o conflito, esta era uma das últimas coisas que poderia ser feita. Tanto que os próprios fiscais do IBDF tiveram uma reunião com o coronel e alertaram sobre os riscos de uma fiscalização rígida sobre a retirada da madeira. Ontem à tarde, o agente do IBDF, Ivanor Agra, e o engenheiro florestal José Mário Amaral, tentaram uma reunião com o coronel Gonçalves, quando colocaram este problema em debate. Até agora não se sabe se houve a reunião e tantos índios como os colonos já estão de sobreaviso sobre uma possível interferência do IBDF na reserva. Muitos índios estão vendendo madeira e

muitos colonos estão roubando dos índios. "Como é que nós vamos comprovar numa área de 14 mil hectares só de mato, sem ajuda da polícia e num clima tenso como este", dizia o agente do IBDF, Ivanor Angra. Ontem pela manhã, os colonos reiniciaram a colheita dentro da reserva mas com muito medo. Eles ainda temem uma mudança e, como consequência, que as máquinas sejam novamente apreendidas. Este foi o fato que mais chocou os agricultores: "fomos retirados de cima de um trator sob a mira de uma metralhadora. Os Federais apreenderam cerca de 30 máquinas e só entregaram a partir de anteontem", é o que diz o agricultor Antônio Ferreira. Mas as confusões entre os representantes da Funai, índios e agricultores não terminam por aí. Na segunda-feira o coronel resolveu expulsar da reserva o cacique Sebastião Alfaiate e mais dois capitães indígenas. Existe um monopólio de terras, na reserva, controlado pelo cacique e pela polícia dos índios. O cacique, por exemplo, tem 150 hectares, outros índios têm 15 hectares. É esta uma das principais dificuldades encontradas na reserva indígena de Guarita. No entanto, segundo os índios, este não é um motivo para que a própria Funai expulse índios da reserva. "Eu sou índio legítimo, sou cacique Caigangue, sou Sebastião Alfaiate, como é que o homem me bota pra fora daqui. Como é que se explica isso? Aqui ele não vai conseguir e que conseguiu em outras reservas. Os índios não vão sair".